

Irlanda na cultura galega (1600-1916)

Afonso Mendes Souto

Trabalho de Fim de Mestrado da UDC / 2018

Titora: Teresa López

Mestrado em Literatura, Cultura e Diversidade

Facultade de Filoloxía



Resumo: Galiza e Irlanda son dous países que teñem, desde a Idade Antiga, unha serie de conexións que acabam influenciando nos dous povos de forma recíproca e desigual: relacións comerciais, culturais, proximidade geográfica, dominio político e cultural por unha forza alheia, etc. Este estudo analiza esas relacións e como é que influíron na cultura galega no período que vai do século XVII a inicios do século XX.

Abstract: Galicia and Ireland are two countries which, starting in the Middle Ages, have shared a number of connections leading to reciprocal yet uneven effects on both Peoples. These include commercial and cultural relations, geographical proximity, political and cultural domination by a foreign force, etc. This study analyses those said relations and their influence on Galician culture in the period between the 17thC and beginnings of the 20thC.

ÍNDICE

0. Introdução

1. Século XVII	5
1.1. A fugida dos nobres irlandeses.....	5
1.2. O colégio de Sam Patrício de Compostela.....	9
1.3. As lendas sobre a origem da Irlanda.....	10
1.4. O primeiro celtismo galego.....	13
2. Século XVIII: A ilustração galega e o celtismo	17
3. Século XIX	20
3.1. O Provincialismo.....	21
3.2. O Regionalismo.....	29
4. Século XX	39
5. Conclusões	42
6. Referências bibliográficas	45
7. Anexo	51

0- Introdução

O objetivo deste trabalho visa conhecer em profundidade as relações culturais entre Galiza e Irlanda e a influência que a ilha deixou nos nossos textos no âmbito cultural até 1916. A data escolhida como fim atende a que é justamente nesse período onde o autor deste trabalho pretende começar a estudar o tema para a sua tese de doutoramento, sendo de 1916 a 1936 o período escolhido.

Entendemos 1916 como um ponto de inflexão na impronta que a Irlanda deixa na Galiza, coincidindo com a Rebelião da Páscoa (em irlandês *Éirí Amach na Cásca*), a consequente agudização da luta pela independência irlandesa e a criação na Corunha das Irmandades da Fala, que dão continuidade ao interesse que a cultura galega tinha sobre a ilha celta do norte e acolhem e intensificam a expectativa sobre os novos acontecimentos que vêm de Eire.

Entendemos a questão irlandesa, sintagma que será empregue amiúde doravante, como um tema recorrente na Galiza pela influência que Eire deixou do ponto de vista cultural, político, socioeconómico, etc. Nestas páginas analisaremos, sobre todo no âmbito historiográfico e literário, a impronta da Irlanda como referente de analogia que, junto dos referentes próprio ou afirmativo, de reintegração, e de negação ou oposição –tal e como Beramendi (1996: 381-394) define– “som aqueles entes nacionais cos que se compara positivamente o propio”.

Sobre os referentes de analogia há que saber que nem som tam decisivos como os próprios ou afirmativos, os de reintegração e os de negação ou oposição, mas som úteis ao funcionarem como modelos emulativos e às vezes revelam arelas inconfessadas (Beramendi 1996: 381-394).

Contudo, a denominação da questão irlandesa nem é de invenção galega, mas é como se conhece o conflito anglo-irlandês na ilha, e por extensão nos países da sua área de influência, através de qualquer uma das suas manifestações, como a geográfica-política (Inglaterra,

Escócia, Gales, etc) ou cultural, motivada polo fenómeno da emigração (Estados Unidos). A questom irlandesa é o efeito derivado do domínio político secular británico, que atualmente se restringe aos seis condados que conformam a província nortenha do Ulster, e da luta nacional da Irlanda como povo.

Portanto, quando falemos aqui em questom irlandesa, estaremos a fazê-lo de todos os elementos em conjunto (políticos, culturais, económicos, etc), ou de cada um em que peguemos em cada momento, para explicar o motivo de como é que a Irlanda, através de qualquer unha das suas expressons, influiu nesta beira do atlántico no período de estudo.

A questom do celtismo nom será menor neste estudo, mas um tema recorrente desde o século XVII, quer no cultural, primeiro, quer no político depois, devido ao potencial como elemento diferenciador que se lhe deu no século XIX. O celtismo consiste num movimento político, social e cultural que defende a existência de unha cultura ou “espírito” celta em diferentes comunidades do mundo, entre elas Galiza. Desde que entrou no século XVII na nossa historiografía parece que chegou para ficar, polo menos para o debate. Aqui estudaremos basicamente como é que a Irlanda, além da sua componente celta, aparece desde o começo na historiografía galega, até chegar a ser mais unha arma política no século XIX.

O assunto do nosso estudo nom tem sido objeto de investigación, a partir de unha visom de conjunto, no período delimitado que nos proponhemos. As pesquisas sobre este tema fôrom abordadas, até o momento, de forma fragmentária e parcial por aquelas pessoas do século XX e XXI que, por exemplo, se achegárom à historiografía e à história: celtismo (Pereira 2017), imigração irlandesa (González López 1967, Rei Castelao 2000); a figuras centrais da cultura galega da época como Murguia (Mariño da Vila 2000-2001); à análise sociológica (Beramendi 2007); ou mesmo por quem fijo qualquer estudo aproximado do paralelismo Irlanda-Espanha e inclui referências à cultura galega (Sainero 1998).

Consideraçom à parte merece o trabalho constante sobre a matéria do The *Amergin* University Institute of Research in Irish Studies da UDC (Clark, de Toro...) que, no entanto, tamém fai um estudo fragmentário e mais a partir de análises novecentistas do que oitocentistas sobre a questom:

Irish Studies has always been a field of great interest in Galicia. Since the 19th century Ireland has held an enormous attraction for Galician writers and politicians, and the strength of this influence can still be seen today, albeit for different reasons. It is, therefore, important to provide a platform from which research and information about the situation in various aspects of Irish life and the equivalent in Galicia can be spread (I.U. de Estudos Irlandeses Amergin s.d.)

As linhas de investigaçom gerais de Amergin gravitam em volta das conexons da Galiza com o Reino Unido e Irlanda em questons como a economia, comunicaçom, lingüística, literária, etc (por exemplo, De Toro Santos 2013). Entre os traballos de The *Amergin* podemos destacar *British and Irish Writers in the Spanish Periodical Press 1900-1965* (De Toro Santos & Clark 2007) ou *La literatura irlandesa en España* (De Toro Santos 2007).

Portanto, polo exposto en cima, nom existe ainda umha investigaçom com visom de conjunto e conseqüente análise global que explique a origem da questom irlandesa na Galiza, a sua evoluçom, o seu desenvolvimento e influências internas como repertório para cada momento histórico.

Esperamos, portanto, estabelecer umha radiografia dos motivos e do modo em que a influéncia irlandesa chega à Galiza na data mencionada de 1916.

Para este alvo investigaremos os acontecimentos e publicaçons determinantes que, de forma cronológica, se sucedem no período de estudo, do século XVII ao XX. A metodologia empregue será a realizaçom de um levantamento das referências à Irlanda que existam no

período mencionado, através dunha pesquisa seletiva nas monografías e nas publicacións periódicas. A partir de aí será que se enfie um relato dos acontecimentos, tendo como referência a produçom académica sobre o assunto e textos históricos de cada época, quer na Irlanda quer na Galiza, e que acabam por integrar Eire como repertório da produçom textual galega: política, cultural e, sobretudo, literária.

1. Século XVII

Esgotada na Idade Média a rapina no território mais imediato dos reinos europeus, com a conseqüente necessidade de umha expansom maior, e após a conformaçom dos estados na Idade Moderna, o século XVI finaliza no ocidente europeu com umha crise que se vê projetada sobre diversos conflitos entre estados protestantes, como Inglaterra ou os Países Baixos, com o Estado espanhol e Irlanda, aliados conjunturais, este último par, estabelecendo assi umha aliança que entrará no seguinte século dando sentido e encetando o relato que vamos contar.

1.1. A fugida dos nobres irlandeses

As relaçons entre Irlanda e Galiza som velhas, como se tem verificado através dos mais recentes estudos sobre restos arqueológicos achados (Alberro 2001). Polos vistos, as relaçons comerciais eram fluídas desde a antigüidade e reforçadas por momentos históricos pontuais como as peregrinaçons irlandesas a Compostela desde o século XV, que mesmo deixárom pegada na própria Irlanda ao se espalhar o culto a Saint James (Santiago) (Hayes 1948).

A Renascença no século XVI, o centralismo dos estados modernos e a Reforma protestante tivérom repercusons nos grupos étnicos da Europa Ocidental. Para o caso dos clans celtas irlandeses, podemos falar numha falta de coordenaçom e na ausência de umha ajuda internacional eficaz, factos ambos que derivárom num fracasso nas tentativas políticas e religiosas na hora de atingir, na altura, um acordar do sentimento nacional irlandês.

Por sua vez, a Casa de Áustria coloca o Estado espanhol num constante conflito com outros países da Europa ocidental, falamos em freqüentes guerras marítimas e terrestres que convertêrom a cidade da Corunha na principal base naval e militar atlántica no norte do Estado. Como González López aponta:

Por ser a Cruña a principal base naval e militar do Imperio español, no norte do Atlántico, foi tamén o principal punto de concentración de axentes, revolucionarios e exiliados irlandeses dende que, en 1579, organizara James Fitzmaurice a primeira expedición para ceibar Irlanda de Inglaterra. Era continua a comunicación dos irlandeses residentes na Cruña cos seus compatriotas alzados en Irlanda contra o goberno inglés, pois, como di un deles, Dermot Mac Carthy, nunha carta enviada dende a Cruña ó seu parente Florencio Mac Arthy, xefe das forzas patriotas irlandesas alzadas no sul da illa ‘un barco podía facer en tres días a travesía da Cruña a Irlanda’ (González López 1966: 150).

Na Idade Moderna é, portanto, após as conhecidas como as rebelions de Desmond contra Inglaterra no sul da província de Munster, entre 1569 e 1573, que tenhem lugar os acontecimentos mais destacados para o nosso estudo.

Um dos nomes principais nas conexons entre Éire-Galiza é o de Desmond MacCarthy, que estivo na Corunha para conseguir ajuda para os alçados irlandeses, mandados no norte da ilha por Hugh O’Neill (em gaélico *Aodh Mór Ó Néill*), outro dos protagonistas destes episódios. Outros nomes relevantes neste momento fôrom os de O’Neill, mais conhecido como Tyrone (ou o *Great Earl*), já que este era o nome do condado que chefiava -sobre o que voltaremos depois- e o de Florence MacCarthy (em gaélico *Finnian* ou *Fínghin mac Donnchadh Mac Cárthaigh*), familiar de Desmond e chefe no sul. A ideia dos líderes irlandeses era procurar tropas espanholas que se enviassem à Irlanda e desembarcassem no sul. Esta expediçom viu à luz finalmente em outono de 1601 e, apesar de serem informados da prisom de Florence MacCarthy, continuárom avante com o plano do desembarco.

A prisión de Florencio Mc Carty desbaratou os plás da expedicion en máis dun senso: pois don Xan de Aguila tomara o mando do exército expedicionario sabendo que era

pequeno pra intentar conquistar a illa, mais coidaba que poderia armar miles de irlandeses do sul que acudirían á sua chamada. Sin os reforzos irlandeses, frente a un nemigo superior en número, o exército espanol tería que estar quedo, inaitivo, mentras non chegaran ô sul os reforzos do norte e do oeste mandados por Tyrone e O'Donnell (González López 1966: 152)

Tyrone era odiado polos ingleses, já que en 1591 raptou e casou com Mabel Bagnal, irmá do chefe do exército inglês na Irlanda. O'Neill fugiu com ela às montanhas, onde os ingleses nom pudérom com ele. Foi assi que os ingleses conseguírom cercar Kinsale, onde estava Juan de Águila e o arcebispo de Dublin, Mateo de Oviedo, guardiám do convento de San Francisco em Compostela, que se converteu no intermediário nas relaçons do clero irlandês com o Vaticano. É provável que esta nomeaçom se devesse a que Mateo de Oviedo fosse um dos estrangeiros que acompanhou Desmond na revolta de 1580-1583, como enlace entre os chefes irlandeses e a Corte espanhola durante a rebeliom de Tyrone. Este facto fijo com que o conhecimento da ilha lhe valesse para chefiar depois o arcebispado dublinense, mas é provável, tamém, que outro motivo fosse o de residir na Galiza, lugar estratégico nas comunicaçons rápidas e constantes com a ilha. A eleiçom de Frei Mateo supunha o reconhecimento do papel que a Galiza desenvolvía na luita irlandesa contra Inglaterra. Aliás, a ordem franciscana à que pertencia em Compostela fora fundada polo mesmíssimo santo e constituía na Península umha província eclesiástica própria separada da de Castela. Frei Mateo nom foi de início a Dublin, mas a Donegal, onde Tyrone tinha a corte, com o intuito de velar pola fé católica, manter viva a chama de rebeliom e contribuir a arrumar forças para o levantamento irlandês.

Uns meses mais tarde, polo Natal, chegou a Kinsale Tyrone O'Neill para romper o cerco, mas parece que os irlandeses eram melhores na luita de guerrilhas do que para estes labores e fôrom derrotados, polo que um tal Hugh O'Donnell (em gaélico *Aodh Rua Ó Domhnaill*), rei

e líder da rebelião irlandesa, que com Tyrone dera ajuda à Armada Invencível, tivo que fugir para a Corunha e Florence MacCarthy caiu preso em Cork, provavelmente, com Desmond. As tropas espanholas viram-se forçadas a assinar uma trégua com os ingleses.

O almirante Pedro de Zubiaur embarcou na sua flota a Hugh O'Donnell e a muitos cavalheiros irlandeses que davam por perdida a luta no sul. Galiza foi a parte do Estado que mais exilados irlandeses recebeu. À Corunha, em janeiro de 1602, chegou O'Donnell, que foi hospedado pelo Conde de Caracena, governador do Reino da Galiza. O chefe irlandês pede ir ver a torre de Breogám, quem levantara a torre de Brigantia e que era avó de Mil, que com os milésios chegou à Irlanda e conquistou a ilha após vencer os Tuatha de Danann, tal e como o *Leabhar Gabhála Éirenn* relata.

O'Donnell, depois, saiu da Corunha para Compostela em 27 de janeiro, também quijó peregrinar ali após conhecer a torre do caudilho celta. Mais tarde conseguiu audiência com Filipe III, a quem ia tentar convencer das vantagens militares e internacionais de uma eventual intervenção na Irlanda, mas em setembro, a caminho de Simancas ao encontro com o monarca, morre de uma estranha doença antes de cumprir os 30 anos. Tem-se especulado sobre a sua morte, primeiro tem-se atribuído ao agir de um espia inglês (González López 1967: 395, Hayes 1948: 332), mas atualmente já se aponta a que a sua morte foi natural (Walsh 1993: 38).

Um dos irlandeses que recusou aceitar a paz assinada por Don Juan de Águila foi Donal Cam O'Sullivan Beare (*Domhnall Cam Ó Súilleabháin Bhéara*), quem alegava que ia continuar com a luta contra Inglaterra, que descendia do rei Breogám e que daí tinha direito a que Espanha ajudasse contra o inimigo. Don Juan caiu em desgraça pela sua conduta na Irlanda e, à espera de um conselho de guerra, virou doente e morreu.

Entre os exilados irlandeses estava Frei Mateo, que ao regressar contribuiu à criação de um colégio irlandês, do que seria protetor O’Sullivan Beare. Esta escola foi, portanto, habitada originalmente –ou tivo relação direta– com aqueles irlandeses que sabiam de primeira mão da lenda de Breogám que ligava Galiza com Irlanda.

Inglaterra, para apagar as rebeliões irlandesas, em 1649 enviou à ilha a Oliver Cromwell, que conseguiu em 1650 o seu controlo, pelo que em 1653 se decretou a unificação da Irlanda com a Grã-Bretanha e a confiscação das propriedades dos terratenentes, factos que fizeram com que uma parte deles fugisse de novo para o Continente. Espanha estava em guerra com Portugal e esta nova vaga irlandesa agora já era um problema e não recebeu a atenção de antanho.

1.2. O colégio de Sam Patrício de Compostela

Da fundação deste colégio encarregou-se o jesuíta Thomas White, iniciando uma tradição reitoral que duraria até meados do século XVIII, onde os sucessivos diretores passaram a ser galegos. White fora organizador da comunidade irlandesa de Valhadolid (1588) e fundador do colégio irlandês de Salamanca, o mais importante do Estado, no entanto, em 1592. Também foi diretor do colégio irlandês de Lisboa (1595) até fundar o equivalente compostelano em 1603, o segundo mais importante do Estado e que ficou sob a autoridade do arcebispo de Dublin, Frei Mateo de Oviedo.

Em 1613 a Companhia de Jesus assume a direção do centro. Daniel O’Sullivan, residente em Compostela e protetor do colégio, em 1617 denunciou ante Filipe III, mecenas da escola, a mudança educativa e social introduzida pela Companhia de Jesus, por isto lhe explica que “habiéndose entregado la posesión del seminario a los PP. Thomas Vitus y Ricardo Conveo, de la compañía de Jesús, el gobierno es muy otro de lo que se usó y V.M. mandó en sus Cédulas reales” (Couselo Bouzas 1935: 16). Também, foi foco de conflito o facto de os

estudantes irlandeses nom se conformarem com diretores contra dos seus interesses, de facto eram anglo-irlandeses partidários do dominio de Inglaterra sobre o seu país (Couselo Bouzas 1935: 16).

Em 1621, Phillip O’Sullivan, aluno do colégio, publica a obra *Historicae Catholicae Ibernae Compendium*, considerada um fito na historiografia irlandesa. Esta obra apresentava a peculiaridade de ter tratado de vincular o povo irlandês com o galego a través das lendas milésias e de Breogám, na linha das lendas medievais irlandesas, mas acrescentando, como elemento barroco, a evangelização da Irlanda por parte do Apóstolo Santiago.

A escola passou por diversos momentos críticos do ponto de vista económico, sempre dependente das ajudas reais, mesmo chegou a mudar de endereço, originalmente na rua das Hortas ao posterior da rua Nova, sempre sob um clima de tensom entre colegiais e jesuítas que nom tinham objetivos comuns: “la última morada que tuvieron los irlandeses en Santiago, hasta su desaparición e incorporación al colegio de Salamanca, fué esta de la Rúa Nueva” (Couselo Bouzas 1935: 12).

O colégio de Sam Patrício sobreviveu até 1767, desmantelado no momento da expulsom da Companhia de Jesus da que dependia por ordem de Carlos III, num contexto em que a presença de irlandeses na Galiza era já residual.

1.3. As lendas sobre a origem da Irlanda

A ligação de umha suposta origem comum céltica galego-irlandesa provém do *Leabhar Gabhála Éireann* (Livro das invasons da Irlanda), manuscrito do século XII que narra umha lenda pseudo-histórica e que ainda ia entrar na Galiza no século XIX, quando Vicetto e Murguia a introduzem nas suas respectivas histórias da Galiza de 1865. Neste texto, combinam-se mitos religiosos com partes do mundo antigo: Noé, Tuatha Dé Danann os filhos galaicos de Mil, que nom som outros que os descendentes do legendário reino de Breogám.

O *Leabhar Gabhála* está escrito em irlandês medieval, língua celta, e que, por sua vez, forma parte doutro manuscrito, o *Lebor Laigen* ou *Leabhar Laighneach* (*Livro de Leinster*). O *Leabhar Gabhála* aparece ao começo do *Livro de Leinster*, que consiste como outras muitas vezes, em recompilação de lendas de heróis. O *Livro de Leinster* escreveu-se em 1100, no mosteiro de Terriglass, sob a direção de Finn Mac Gorman, bispo de Kildare, e o beneplácito de Dermot Mac Murrrough, rei de Leinster.

Metade em prosa e metade em verso, o *Leabhar Gabhála* possivelmente é umha transcrição da tradição oral que bardos e outras elites intelectuais custodiavam. A história parte do dilúvio universal, já que a cristianização da Irlanda por parte de Sam Patrício tivera lugar no século V. Mas, como Fernando Pereira aponta (2006), os primeiros testemunhos deste repertório podem datar do século VIII, quando se costumam situar alguns fragmentos do *Livro de Leinster* e se referenciam nomes como Mil ou Breogám.

Na historiografia galega também se pode falar noutros personagens: Brigo, Hiernos ou Yernos (de *Ierne*), Gatelo (de Gaedhil) e os Brigantes, como veremos depois. Estas histórias também relatam as relações Eire-Galiza imaginadas por escritores dos séculos XVII e XVIII.

A lenda de Gatelo foi pola que se optou maiormente no século XVII para falar do povoamento da Irlanda polos galaicos (posteriormente também da Escócia), facto que constatava a existência na antiga Gallaecia de umha monarquia poderosa. Já no século seguinte apostou-se sobretudo por Yernos, sem desaparecerem de todo as menções a Gatelo e Brigo. Segundo explica Fernando Pereira:

A historia de Gatelo amosaba semellanzas evidentes coa lenda irlandesa que mostraba os gaélicos expulsados de Exipto e viaxando por terras lonxincuas, para acadar logo o territorio hispánico e finalmente se asentaren en Irlanda. Aínda que a lenda escocesa, loxicamente, ampliaba ese periplo até levar os descendentes de Gatelo a ocuparen

Escocia dende Irlanda. O mesmo nome do protagonista, Gatelo ou Gaythelos, resultaba ser unha adaptación latina do gaélico Gaedhil, un dos antepasados epónimos dos irlandeses no *Lebor Gabála Éirenn*. Pero a figura de Gatelo non se correspondía exactamente co Gaedhel da tradición irlandesa, porque incorporaba tamén certos aspectos que eran propios doutros personaxes, xa fosen Nel, Milidh ou Breogán. Por exemplo era Gatelo quen fundaba a cidade de Brigantia en España. E dicíase ademais, cando menos nunha versión determinada da historia, que Gatelo fixera construír nesa cidade unha torre moi alta e que el propio albiscara dende Brigantia a illa de Irlanda (Pereira 2006: 418).

1.4. O primeiro celtismo galego

Nom todos os povos que hoje entendemos como celtas som considerados como tal desde antigo, só com os estudos lingüísticos contemporâneos será que se chega a concluir quem pertence e quem nom à categoria de *celta*.

Para os autores de Roma e Grécia, como Plínio ou Estrabom, os celtas eram povos bárbaros alheios à civilizaçom clássica. Foi na Idade Média quando os eruditos os viam já como um povo histórico que pertencia ao passado. No entanto, o celtismo medieval era limitado e de pouca importância.

A consolidaçom na Europa do movimento humanista nos séculos XV e XVI promoveu o crescimento do celtismo e adoptou umha perspetiva crítica ante os relatos fabulosos da historiografia medieval. Foi a partir de entom, que os estudiosos conhecidos como “antiquários” se interessárom por estas questons e polo estudo dos restos arqueológicos, fôrom aparecendo as primeiras gramáticas do galês, bretom e irlandês, porém, no caso galego isto nom aconteceu até que um século mais tarde, quando Galiza ia desenvolver umha historiografia própria.

O primeiro exemplo de inclusom dos celtas como povo habitante da Galiza antiga som os fragmentos conservados da *Coronica Grande del Reyno de Galicia* de Atanasio Lobera, entre 1600 e 1605. Neste trabalho narra-se a chegada dos celtas gauleses à Galiza, é o primeiro celtismo, portanto, da nossa historiografia e nom é de influência irlandesa. Para isto o autor acudiu a Florián Ocampo e aos antiquários Brito e Garibay em menos medida. Lobeira, no seu trabalho, estabelecia as relaçons com a Irlanda através de mençons à lenda de Brigo, nom à de Breogám.

Segundo Fernando Pereira (2014) foi Geoffrey Keating quem, a começos do século XVII, situou pela primeira vez Brigántia, Breogán e os filhos de Milidh na Galiza em *Foras Feasa ar Éirinn* (c. 1634).

Sobre este celtismo, o próprio Fernando Pereira (2017: 204) afirma: “a análise do celtismo galego do século XVII mostra un discurso pouco desenvolvido, que tivo na historiografía unha relevancia limitada, e que ademais foi alleo á construción identitaria e a outros posíbeis usos ideolóxicos de índole prestixiadora”.

O citado estudioso destaca três características dos relatos sobre as relaços Éire-Galiza (Pereira 2005: 284):

- 1) Apropriação para a história da Galiza de personagens e de acontecimentos (Brigo, silórios e brigantes).
- 2) Dependência da historiografia espanhola, sobretudo de Florián Ocampo.
- 3) Dependência de parentescos lingüísticos que em ocasiões permitiam a apropriação dos personagens para a nossa historiografia.

Atanasio Lobera, na *Coronica Grande del Reyno de Galicia*, era o único que na época, inícios do século XVII, falava explicitamente das relaços Galiza-Irlanda. Nesta linha escreveram Benito Vasques, já na segunda metade do século, e J. Álvares Soutelo em começando o século XVIII. Ambos falárom da figura de Gatelo, ligando-a à nossa tradição antes de que desse o salto à escocesa. Estes ourensanos da Companhia de Jesus fôrom os que convertêrom este relato no de maior sucesso do século XVII, Vasques na sua *Historia de Galicia* (c. 1750) e Soutelo na *Historia General del Reyno de Galicia* (1707-1712). Até o século XIX, com Murguía e Vicetto, nom se introduziria a lenda de Breogám que relaciona Galiza com Irlanda.

Vasques e Soutelo falárom de conexons Galiza-Éire por terem sido professores em Compostela e polo contacto que tivêrom com os irlandeses do Colégio de Sam Patrício, já que polo menos Álvares Soutelo foi professor nele. Assi e todo, como Pereira afirma:

Non quero deixar de salientar de novo o feito paradoxal de que os dous xesuítas que estiveron en contacto co Colexio de Irlandeses non recollesen as tradicións do Lebor Gabála para afirmaren as relacións de España con Irlanda, como fixeran antes O’Sullivan e Pardo Villarroel. É unha ironía que Vázquez e Soutelo continuasen falando de Gatelo, cando este personaxe xa non tiña cabida nas tradicións irlandesas e mesmo era rexeitado polos anticuarios da illa (Pereira 2005: 306)

Se calhar, podemos comprender tal paradoxo levando em conta, por um lado, a dependência com a historiografía espanhola neste século, como o próprio Pereira indica, mas polo outro, considerando a tensom existente nas relaçons entre os irlandeses de Sam Patrício com a Companhia de Jesus pola direçom do seu colégio compostelano. Pode que, por todo o anterior, embora Vasques e Soutelo tivessem acesso a certa informaçom alheia à tradiçom historiográfica do Estado, priorizassem esta por ser a fonte de maior referencialidade a todos os efeitos para eles.

A lenda de Gatelo seria lembrada por poucas pessoas até o século XIX. Umha era Claudio González Zúñiga (*Historia de Pontevedra*, 1846) e a outra José Villaamil (*Antigüedades prehistóricas y célticas de Galicia*, 1873), para quem a principal fonte era o *Arbol Chronologico de la Santa Provincia de Santiago* (1722) do franciscano Jacobo de Castro, sobre quem voltaremos um bocadinho adiante.

Já no século XX, Federico Macinheira, que nom acreditava na verosimilitude de Gatelo, centrava a atençom na lenda da “pedra da coroaçom” ou “pedra do fado”, já que esta pedra com a que se coroavam os reis da Escócia e mais recentemente do Reino Unido tem origem

em Gatelo, este precursor de Breogám esquecido da memória galega, mas do que Macinheira fora o primeiro em falar do paralelismo existente entre as duas lendas, os dous fundadores das Brigâncias imaginadas (Maciñeira 2002: 335).

2. Século XVIII: A ilustração galega e o celtismo

No século XVIII na Europa dá-se um movimento intelectual que promove a razão como instrumento de conhecimento, os seus intelectuais são os ilustrados, entre outros, na Galiza e para o fim que nos convoca, teremos que falar sobretudo de Joseph Cornide e o padre Sarmento.

Como adiantámos no capítulo anterior, neste século, o franciscano Jacobo de Castro, em 1722, será que fale de Gatelo um personagem real no seu *Arbol Chronologico de la Santa Provincia de Santiago*. Ninguém escrevera de Gatelo desde Soutelo, mas como encarregado de escrever a história da província franciscana de Santiago de Compostela, Castro incluía Irlanda nos seus textos e a Hybero, filho de Gatelo que passaria a povoar a ilha que levaria o seu nome, Hyberia ou Hybernia, antes que Irlanda.

É neste período, quando o maior representante da ilustração galega, Frei Martín Sarmento, manifestava a dificuldade de chegar a conhecer o passado, colocando a ideia ao nível de conhecer o futuro. É sob este critério, que tanto o padre como Joseph Cornide bebem só dos autores mais prudentes no que diz respeito ao celtismo. Daí, que só será no século XIX, através de ideias e enfoques de investigação mais inovadores procedentes das diversas correntes intelectuais europeias, que os celtas ocupem um oco referencial e identitário na historiografia galega.

Cumprir dizer que os textos de Sarmento sobre o celtismo, como quase toda a sua obra, permaneceram manuscritos por própria vontade, motivo este pelo que só umas poucas pessoas se poderiam ver influenciadas pelo sábio de Vila Franca. O primeiro que este autor teve a bem considerar sobre o celtismo foi a referência de palavras galegas às que dá ascendência celta, especialmente quando fala em toponímia galega (*Catálogo de voces, y Frases de la Lengua Gallega* ou *Glosario*). Sarmento recolhe nomes de rios, montes,

territórios e lugares. Parece que Sarmiento conheceu essas palavras através de escritores da antigüidade, aos que cita explicitamente. Foi o primeiro em se debruçar neste campo através do método comparativo (Pereira 2017: 298-325).

Na linha do berciano, Cornide também vincula nomes da geografia antiga ao povo celta nos seus *Mapas Corográficos* de 1790, nom sob um caráter de exclusividade e nunca ligando diretamente neste sentido com a Irlanda.

Embora Sarmiento e Cornide fossem uns adiantados ao seu tempo, nom deixavam de ser reféns do mesmo e, apesar de introduzir métodos científicos nos seus trabalhos, continuavam a falar em origens noádicas que, como as lendas medievais do *Leabhar Gabhála*, situavam a origem do mundo no dilúvio universal.

Mas o século XVIII foi importante para o celtismo europeu. Na Escócia, a publicação de James Macpherson dos supostos poemas de Ossian, bardo celta escocês do século III, provocou o interesse pola língua e as tradiçõs gaélicas. Este facto fijo com que se criasse a consciência da necessidade de pegar noutros testemunhos da literatura popular antes que desaparecesse. Contodo, em Gales ou Irlanda o ossianismo nom foi tam bem recebido, já que, por exemplo, de Eire discutia-se a origem irlandesa e nom escocesa da civilizaçom gaélica.

No Estado, a receçom do celtismo foi seródio e limitado pola resposta que os seus antiquários pretendiam dar às teorías que mantinham os homólogos franceses (Pereira 2017). A historiografia deste período mantinha o novo enfoque crítico encetado havia umha centúria.

O primeiro autor que afirmou que os celtas galaicos povoárom a Irlanda foi o conqueense Lorenzo Hervás y Panduro, que para adscrever um povo à categoria de celta acudia a critérios históricos e lingüísticos, como afirma no derradeiro volume da *Idea dell'Universo* (1778-1792), onde integra o irlandês junto do manx e do gaélico escocês.

Hervás imaginou o povoamento da Irlanda por parte dos galaicos, estabelecendo relacións entre ambos os povos, tendencia que haberá no século XIX entre os celtistas que procuram elementos diferenciais para a Galiza, idea que Hervás non partilhava. Aliás, ele tampouco acreditava no axioma de que os celtas eran un pobo autóctone, mas que vinham de fora da Península, daí que nunca afirmasse que Breogám fosse “galego” ou “espanhol”. Assi e todo, parece que a fonte principal de historiadores como Murguia ou Vicetto non sería a deste jesuíta, mas a obra *Ibernia Phoenicia* de 1831, escrita en latín por Joaquín Lorenzo Villanueva, facto paradoxal, já que como Pereira (2013: 188) apunta, “nela Villanueva negou a existencia histórica do personaxe e que ademais converteu os brigantes hispanos que poboaron Éire en xentes ibero-fenicias, non en celtas”.

3. Século XIX

Galiza entra neste século em confrontação entre progressistas e moderados. Os progressistas estavam ligados à universitária Academia Literária de Santiago, criada em 1840 e centro do debate das ideias sociais e políticas mais avançadas como a libertação da mulher ou o socialismo utópico (Obelleiro 1997: 326).

O Provincialismo será o primeiro movimento político antecedente do galeguismo e do nacionalismo, a sua origem está na divisão provincial de 1833 e a consequente reclamação da Galiza como uma única província que mantenha a unidade administrativa, social, cultural e económica.

Em 1846 há um pronunciamento provincialista contra o governo de Narváez capitaneado por Miguel Solís, o episódio finaliza com 12 fuzilados, repressão, exílio, etc. Tudo isto calhará num movimento cultural que será conhecido como Ressurgimento.

O seguinte movimento político importante em transição ao nacionalismo será o Regionalismo, criado na década de 80 e que ganha carácter patriótico, com respeito ao Provincialismo, pela agudização da contradição Espanha-Galiza, como veremos nas páginas seguintes. O Regionalismo pretende a defesa específica da Galiza como uma região que se distingua dentro do Estado. Neste período, Manuel Murguía, aparecerá já consagrado como central no pensamento galeguista e será o intelectual mais influente sobre o resto de agentes culturais.

3.1. O Provincialismo

O progressismo galego (Antolín Faraldo, Francisco Anhom, os irmaos José e Ramón Rua Figueiroa, etc) entendêrom Galiza como umha província na que havia que potenciar a sua língua, história, folclore ou a sua economia para ocupar um papel maior dentro do Estado, em definitivo, procurava-se umha política nova, sem medidas de descentralizaçom, com o intuito de acabar com o Antigo Regime (Obelleiro 1997: 326).

No período oitocentista, a historiografia espanhola desprestigiava constantemente um suposto protagonismo da Galiza no passado, e aí que a reivindicaçom de um novo celtismo fosse a reaçom de historiadores como José Vereá Aguiar, Antolín Faraldo, Leopoldo Martins Padim ou, mais adiante, Manuel Murguia e outros autores de finais de século.

Contodo, Manuel Murguia será o autor que em multídom de textos relacione mais Galiza com Irlanda, mas, como veremos depois, já na sua *Historia de Galicia* de 1865 deixará as bases bem assentadas no que di respeito do celtismo e a relaçom com Éire.

É neste período que o celtismo passa a ser, pola primeira vez, umha ferramenta erudita ao serviço de projetos políticos e na defesa explícita da Galiza. Vereá Aguiar incorpora os celtas à sua *Historia de Galicia*, que nom se publica até 1838. Esta obra incompleta, aprovada pola *Academia de la Historia* em 1832, será a primeira história geral de Galiza. O trabalho de Vereá começa falando das origens e estado dos povos septentrionais e occidentais da Península antes da sua conquista polos romanos.

Vereá, para reivindicar Galiza, di que os celtas chegam da Atlántida ao noroeste peninsular e daqui passam ao resto da Europa. Este autor falava numha “céltica hispánica” que abrangia todo o norte peninsular, segundo o qual, por exemplo, o povo basco tamém era celta. Para afirmar as suas teses acudiu a usos e costumes que explicavam questons como a gaita, a saia, as romarias ou a toponimia (González García 2007).

Mas o primeiro em usar o celtismo como arma política foi Antolín Faraldo (González García 2007). O líder provincialista dava muita importância à história pola sua utilidade política “Galicia puede tener una historia filosófica que le enseñe lo que ha sido i lo que puede ser, porque en la historia se aprende la libertad” (Faraldo 1842a) ou “un pasado de cultura y nacionalidad, en que las grandes palabras de patria é independencia se asociaban al nombre gallego” (Faraldo 1842b). López García (1997) conclui que, para Faraldo, os celtas conformaram umha entidade organizada do ponto de vista social, religioso e político.

Martins Padim publica em 1849 *Historia política, religiosa y descriptiva de Galicia*. Nesta obra mostra-se crítico com Roma por apagar a peculiaridade celta do território galaico, alinha com o relato bíblico para explicar as origens da humanidade e fala de um celtismo peninsular que, isso si, só se chegou a conservar no noroeste. Padim fala de umha expansom cara ao norte destes povos celtas, mas nom só Irlanda, Escócia e Inglaterra, também cara os países nórdicos. Mas, afinal, acaba por colocar o foco sobretudo em Éire:

no puede desconocerse un parentesco tan marcado. Yerna fue llamada la Irlanda, y yernos sus habitantes: la etimología de este nombre es fenicia, y parece haberle sido dado por gentes de esta nación, que despues de haber estado en Galicia se dirigieron á aquellas islas, en cuyas espediciones probablemente los acompañarían los naturales (Martínez Paadín 1849: 263)

Mas será a partir da grande fame e peste de 1853 –a fame irlandesa foi de 1845 a 1849–, como Marinho da Vila (2000-2001) adverte, quando, polos seus evidentes paralelismos, se difunde com maior intensidade a ideia da Galiza como a “Irlanda de Espanha”:

En Galicia se extendía un hambre terrible; el embajador inglés, lord Howden, consideraba que allí estaban peor las cosas de como jamás lo hubieran estado en

Irlanda, y el embajador francés, el marqués de Turgot, escribió acerca de pueblos enteros literalmente fenecidos (Durán 1998: 34)

É assi que a questom irlandesa passa a ser um assunto socioeconómico e já nom só retórico. É neste contexto que se intensifica a Irlanda como referente análogo ao caso galego.

Murguia escreve “Del poeta de Galicia” para *La Oliva* em 1857. Neste texto lamentava a ausência de poesia galega do estilo da escrita dos escoceses Ossian (Macpherson) e Walter Scott¹ ou de Thomas Moore² da “irmá Irlanda”: “¡Oh! Galicia es la hermana de Irlanda, aunque una hermana menos desgraciada. Nosotros hemos visto bajar a las ciudades los infieles montañeses á quien el hambre y la peste, esos gemelos que son el azote de la poética Erin, acosaban de cerca”.

Após contextualizar e cenificar a irmandade entre os dous povos afirma que “Galicia, no ha tenido entonces ni un orador como O’Connell, ni un poeta como Moore”, para centrar-se já na figura do poeta romântico irlandês:

¡Pobre Galicia! No tuvo tampoco un poeta como Moore, que confundiese su canto entre el canto de su pueblo; que lanzase de un lado al otro de las cuatro provincias, un grito de libertad; que fuese en fin, su poeta, que captase sus infortunios, y que encendiese en su sangre el fuego del valor y no el de una estéril y engañosa esperanza.
¡Pobre Galicia!

Murguia, em definitivo, lamentava a ausência de um poeta destas características na Galiza, via só na figura de Sarmiento qualquer cousa parecida:

Solo el ilustre Sarmiento, esa inteligencia privilegiada que lo ha abarcado todo, ha vertido el primer rayo de luz sobre las demas sombras que envuelven cuanto es

¹ Walter Scott (Edimburgo, 15 de agosto de 1771 – 21 de setembro de 1832) foi o criador do verdadeiro romance histórico.

² Thomas Moore (Dublin, 28 de maio de 1779 – Bromham, 25 de fevereiro de 1852) foi um poeta, cantor, compositor e artista irlandês, muito conhecido polo poema “The Minstrel Boy” e “The Last Rose of Summer”.

Galicia. En el Chan de Piedrafita, se ve algo del poeta provincial que nosotros hemos soñado, en sus versos todo es de aquí, hasta el idioma. Lastima grande que los resultados no fuesen tan buenos como la intencion.

El fue el primero, quizá sin saberlo, que echó los cimientos de la literatura indígena, tal como la concebimos nosotros; la literatura nacida en el seno de Galicia, cuyas aspiraciones son las de este pueblo, y cuyos sentimientos, descripciones, horizontes, todo, todo sea de ella, por ella y para ella

Como vemos nestes parágrafos, Murguia desejava um modelo literário reivindicativo e de qualidade, aliás, ideologizado e ao serviço da Galiza, a partir de elementos diferenciais galegos.

Em volta de 1860, como cita Saurín (1977: 213), na *Revista Económica* de Compostela, e motivado polas dificultades da construçom do caminho de ferro na Galiza, escreve-se o seguinte:

¿A dónde iremos a parar si empieza a abrigarse la duda de que los capitales gallegos servirán para otras provincias antes que para las nuestras? Es muy intenso sin duda y está muy arraigado en Galicia el sentimiento de nacionalidad [española] y a él sacrificó siempre sus hijos y su fortuna, sin que se le hubiese recompensado como merecía, hasta el punto de que se hizo común el dicho de que Galicia es la Irlanda española; pero no se abuse de tanto heroísmo y que se respete también alguna vez el sentimiento provincial [galego]

A derrota de 1846 e a conseqüente repressom do Estado provocam umha pausa no galeguismo nascente e umha dispersom do grupo compostelano. Os líderes som detidos, desterrados ou tenhem de se exilar como Francisco Anhom, outros morrem novos como Leopoldo Martins Padim (1850), Antolín Faraldo (1853) e Neira Mosqueira (1854) (Beramendi 2007: 135).

Até progredir cara ao Regionalismo, dá-se um período de transiçom que atende a três razoms fundamentais, segundo Justo Beramendi (2007). Em primeiro lugar, a memória da vitória do estado liberal e da derrota de 1846 contribuíram até 1868, e depois até 1874, a diminuir a açom política dentro das manifestaçoms do momento anterior, o Provincialismo, em favor dos labores mais intelectuais.

Em segundo lugar, houve um aumento da valorizaçom teórica da etnicidade. A receçom do organicismo e do historicismo neste sentido favorecerom a apariçom do Ressurgimento literário, especialmente relacionado com outros processos coetâneos forâneos como a *Renaixença* catalana.

O agravamento do atraso relativo da Galiza foi o terceiro motivo que justifica um movimento como o Regionalismo. É assi como um patriotismo recém-nascido aporta no dique da literatura galega que se acabava de reconstruir e, por exemplo, no *Álbum de la Caridad* (1862) há mais de vinte composiçoms patrióticas intituladas “A Galicia”, “Galicia”, “Mi Patria”, “¡Viva Galicia!” ou “Dios salve a Galicia”.

O *Álbum de la Caridad* será importante porque é a publicaçom dos poemas dos primeiros Jogos Florais que se celebrárom no teatro principal da Corunha –hoje Rosalía de Castro–, promovidos por José Pascual Lopes Cortom, um galego enriquecido na emigraçom, que recolheu no *Álbum* os textos premiados e umha escolma da poesia galega mais relevante do momento. A denominaçom do livro atende à razom de que os benefícios obtidos iriam destinados ao asilo da cidade herculina. O *Álbum* é considerado a primeira antologia poética do Ressurgimento literário.

E é que nesta época que a questom irlandesa passa a ser um assunto de atualidade. Este fragmento é de um poema intitulado “Nostalgia”, um dos textos escolhidos para o *Álbum de*

la Caridad, que Ramón Rúa Figueiroa dedica ao seu *amigo* Benito Vicetto. Na estrofe que recolhemos aquí, o autor fai referencia explícita à Irlanda.

Vuelve á esa Irlanda ignota y despreciada
en que el vulgo español, siempre ignorante,
ver cree en su cerviz no domeñada
de servidumbre el sello vergonzante.

(Rúa Figueroa 1862: 334)

Segundo a reprodución da *Revista Galaica* 3 (1874) o poema está datado originalmente em 1852 em Sevilha. O texto fala da nostalgia da pátria evocada e cantada, umha pátria aquí vez idealizada e fundamentalmente descrita como paisagem (“Auras que al Norte os deslizais ligeras / llevad allá mis trovas vagarosas”). Por várias vezes utiliza a denominación de “pátria” para o espaço perdido (“la patria que perdí” / “patria por que lloro”).

No final do poema Rúa Figueiroa convida a Vicetto –ausente como el da pátria común– a que regrese a “nuestra patria deliciosa” pois el pode facelo (“pues el cielo hacia ti calmó sus iras”). É neste contexto que há que entender a alusom à Irlanda: a Irlanda ignota e despreçada é Galiza.

No ámbito da historiografía Benito Vicetto e Manuel Murguía serán os autores que incorporem Irlanda ao repertório, nesta altura, nas suas respectivas histórias da Galiza. Vicetto publicará a sua novelesca historia em diversos volumes entre 1865 e 1873. Em 1865 Murguía tamém publicará o primeiro tomo da sua homóloga. O ferrolano, no tomo I de *Historia de Galicia* (1865), afirma:

Volviendo á nuestro Ibernio, es incontrovertible que con sus nerios, hiernios y Brigantios llegó á Irlanda, Escocia e Inglaterra, y constituyó la población aborígena de aquellas islas, en lo que á Galicia le toca un honor y una gloria inmarcesible.

Acompañaban a Ibernio, Hebero y Herenon, los cuales acaudillaban á nuestros brigantios; y todos en compañía de los fenicios se dirigieron desde los mares de Finisterre á los de Irlanda, donde se asentaron por moradores. La *Crónica general de España* así lo afirma y estamos conformes con su afirmación (Vicetto 1865: 171)

Foi así que Vicetto alinou com a tese do povoamento da Irlanda por parte dos Galaicos, através do personagem de Ibernio, num contexto de dignificação patriótica, facto no que este autor vê “un honor y una gloria inmarcesible” (Vicetto 1865: 171).

Como já fomos deixando entrever, há um autor central na segunda metade do século XIX, por ter participado em parte do Provincialismo e que será o núcleo do Regionalismo, falamos de Manuel Murguia. Conforme acabamos de explicar, em 1865 Vicetto escrevia sobre a teoria do povoamento da Irlanda por parte dos galaicos e, em concreto, através da figura de Iberno; Murguia, na sua *Historia de Galicia* (1865) fará o próprio mas através do personagem de Breogám, iniciando assi a galeguização desta lenda irlandesa.

O que fijo Murguia foi transformar a lenda de Breogám numha narrativa histórica sobre a emigração dos celtas galegos à Irlanda (Pereira 2014), sendo relativamente fiel ao relato tradicional, às vezes justificando a migração pola vingança do assassínio de Ith, segundo o relato tradicional, e às vezes dando a explicação de ter sido umha consequência da guerra e a fame, baseando-se nos antiquários dos séculos XVII e XVIII.

A principal figura da intelectualidade galeguista oitocentista desenvolve o seu trabalho historiográfico num contexto de revalorização da cultura popular. Murguia transformou o

relato erudito de Breogám numha tradiçom popular transmitida oralmente durante geraçoms que haviam recolher bardos e historiadores irlandeses.

Murguia tamém pretendeu estabelecer conexoms Éire-Galiza através de provas arqueológicas, lingüísticas, etnográficas e antropológicas.

Foi com a passagem, após o *Foras Feasa ar Éirinn* de Geoffrey Keating, do tempo que os gaélicos se convertêrom de escitas a celtas, assi como tamém a consolidaçom do povo irlandês como povo celta, facto que nom se dá de forma definitiva até o século XIX graças à lingüística e à antropologia. A esta tese foi à que acudiu Murguia em pleno debate para, por consequência, afirmar que quem povoara a ilha de Éire era um povo celta, o povo galaico, portanto.

Em 1867, Leandro Saralegui publica a obra *La época céltica en Galicia*, muito na linha de Murguia. Nela, Saralegui, critica as teses noádicas ou outras teses, como a que Vereia Aguiar difunde sobre a Atlántida de Platom, que qualifica de “estranha”. Saralegui vale-se de historiadores clássicos como Plínio ou Tácito e mesmo de textos medievais, como a *Primera Crónica General* de Afonso X, para justificar a origem asiática da humanidade, o carácter celta da Galiza e de que estes povos deviam ter mesmos usos, costumes e idioma lá onde habitárom a Europa. No entanto, reconhece que todo o que gravita ao redor da questom celta som “acontecimientos envueltos en una oscuridad completa”.

Saralegui recolhe a ideia de os galaicos terem povoado Éire:

Dueños ya los fenicios de nuestras costas, la única empresa importante de los celtas gallegos ha sido su navegación á los mares del Norte, y el haber poblado una gran parte de Inglaterra é Irlanda... Los Irlandeses se glorian ellos mismos de descender de tribus españolas... (Saralegui 1867: 30)

Por sinal, o celtismo povoador da Irlanda é o que emana do *Livro das invasions da Irlanda*: “Itho, hijo de Breogán tío de Milesio fue enviado al descubrimiento” (Saralegui 1867: 31).

Por todo isto acaba reconhecendo semelhanças entre irlandeses e galegos e os seus costumes:

Lo mismo que las historias de Irlanda, las tradiciones todas y las poesías de los bardos confirman la población de aquella isla por los celtas gallegos, cuyos descendientes se reconocen todavía por su antiguo idioma y por la semejanza característica de sus costumbres con las de nuestros montañeses, sus hermanos (Saralegui 1867: 33)

3.2. O Regionalismo

Em 1886 Murguía publica *Los Precursores* e num artigo seu de *La Región Gallega*, intitulado “¿Qué es nación?”, define Galiza como nação e enceta-se um novo período regionalista (Obelleiro 1997: 329). Neste subcapítulo serão incluídas as achegas de Murguía da década de 80.

O fracaso da I República e o refluxo ordenancista e centralista da Restauração, junto de um quadro político diferente, para liberais como Manuel Murguía, e a derrota da derradeira carlistada, para os tradicionalistas como Alfredo Branhas, som experiências traumáticas na Galiza.

Conforme Beramendi e Seixas (1996: 41) afirmam, há três fatores que confluem na conformação deste novo movimento: a reivindicação do Provincialismo, a chegada do carlismo ao galeguismo trás a sua derrota militar e o devalo do federalismo que também se achega ao galeguismo. Todo isto deriva na prática, por sua vez, na reanudação do labor teórico, sobretudo de Murguía, na diversificação ideológica e a atividade jornalística do galeguismo.

A nova ideologia subjacente implica: a defesa dos intereses gerais de Galiza que passa por superar as divisons artificiais (de partido, de classe, etc.) entre a populaçom galega mediante a uniom natural (nacional) que permitirá atingir a representaçom parlamentária necessária (regionalista) para desenvolver umha política galega (Beramendi e Seixas 1996: 41).

Quanto à recorrencia à questom irlandesa por parte de Manuel Murguia, em 1881 aprofundara na questom e, por exemplo no artigo “El Folk-lore gallego”, inserido na revista *La ilustración gallega y asturiana*, afirma:

como los celtas sus antepasados sus antepasados, como los germanos, con quienes mezcló lo más puro de su sangre, tiene el pueblo gallego en la tradición oral toda su historia, toda su doctrina y creencias, toda su vida intelectual ou el elemento suevo entra por tanto en nuestro carácter, que es imposible prescindir de él en cosa alguna.

Lo mismo que se ve en la poesía y tradición popular de Galicia la influencia céltica

Tamém em *La ilustración gallega y asturiana*, e tamém em 1881, Murguia escreve três artigos intitulados “Irlanda y Galicia I, II e III”. Na primeira entrega estabelece de novo vínculos hiberno-galaicos a partir da contextualizaçom das guerras bóeres e fala nos seguintes termos:

Los odiosos que separan pueblos que cubre un mismo cielo, ¿han de ser inextinguibles? ¿Es que exagerando el peligro no ven solución posible al problema planteado al presente en toda su desnudez y crudeza? ¿Ignoran acaso que otro pueblo, hermano del irlandés por la sangre, por la hermosura del suelo y por la desgracia eterna que aflige á sus hijos, planteó igual problema hace ahora cien años, y lo resolvió equitativamente sin sangre, sin trastornos y sin ulteriores consecuencias?

Tamém recorda momentos pretéritos em que Irlanda fora anfitriõna dos galaicos e Galiza do povo irlandês:

Los versos de Caedmun, el monje que leía de noche en el libro cerrado de nuestros orígenes, consagraron la vieja tradición que hacía salir del país de los brigantinos y de su valerosa tribu los pobladores de Irlanda. Y desde entonces, como si una voz misteriosa nos llamase, no hemos dejado jamás de reconocernos y amarnos... obispos irlandeses desterrados por la intolerancia luterana, y el que trajeran sus hijos espirituales, que hallaron en la antigua Compostela una casa de refugio y enseñanza y unos campos que les recordaban vivamente los de la inolvidable patria

Na segunda entrega deste artigo fai unha analogía sobre a propiedade da terra (“Comunidad de origen dió en Irlanda y en Galicia igualdad en la manera de conocer la propiedad, mejor dicho, en el modo de poseer la tierra”), asegurando que “el labrador irlandés dice hoy á su amo, lo mismo que el forero gallego de los siglos XVI al XVIII, esto es, que no siendo un mero arrendatario, tiene al presente adquirido por la larga posesión y trabajo de la tierra, un cierto derecho a ella”.

Já na derradeira entrega destes artigos sobre Irlanda e Galiza volta sobre o tema do dereito à terra: “ya sabeis lo que hizo Carlos III; como os pide en estos momentos Parnell³, convirtió al cultivador en propietario”.

Para o ámbito literario, a figura a destacar nestas páxinas tem de ser Eduardo Pondal. Este autor já publicara o poema “A Campana de Anllóns” no *Álbum de la Caridad* e em 1877 havia publicar *Rumores de los Pinos*. Este poemário será ampliado em 1886 em *Queixumes dos pinos*.

³ Charles Stewart Parnell (Avondale, 27 de junho de 1846 — 6 de outubro de Brighton, 1891) foi um político nacionalista irlandês que liderou o Partido Parlamentar Irlandês, durante o período do nacionalismo Parlamentar na Irlanda entre 1875 até sua morte em 1891, e que representou o seu país no Parlamento em Londres.

É Pondal que protagoniza a lírica fundacional de motivo celta e fai-no através da via irlandesa, a de Breogám, a de *Leabhar Gabhála*, utilizava estes elementos ao modo de um poeta ossiánico. Carvalho Calero (1963: 258) afirma:

Temos que admitir que Pondal coñeceu a Breogán, a quen fixo patriarca da raza galega, por intermedio de Murguia, e que iste, que manexaba os textos irlandeses en traducción inglesa cando preparaba a primeira edición da súa Historia, non deixaría, nun intre determinado da súa amizade con Pondal, de lle amosar ditos textos

Pondal concretiza o seu celtismo através de elementos toponímicos e antroponímicos. De Ossian tira vários nomes: de lugares, como *Tura* e *Ullín*, em "En túrbia noche de invierno"; fala da Galiza através do nome de *Erín* em "Fada garrida de leves alas", como já figera Murguia (1865: 433); fai o mesmo com o nome de *Finián*, derivado de *Fenius*, antecesor dos irlandeses, em "En túrbia noche de invierno". Do *Leabhar Gabhála* tamém provém *Brigandsia*, a cidade fundada por Breogám, citada no poema "Salvaxe val de Brantoa".

O bergantinhám nom dispom na nossa cultura de personagens legendários com os que escrever sobre umha épica própria, tem de inventar nomes de heróis para tal fim, a ideia é a de colocar em cena um passado histórico para o prestígio restaurado da nossa cultura. Daí que Pondal tamém seja conhecido como o "bardo". Porém, como se pode advertir a partir dos *Eoas*, a ideia de Pondal nom era a de contribuir a um projeto político que afastasse Galiza de Espanha.

Pondal fai de Breogám um elemento galego: *fogar de Breogán*, *nación de Breogán*, *raza de Breogán* ou *fala de Breogán*. Sem dúvida isto é de clara influência murguiana, já que se para alguns autores era fenício, para o historiador Murguia era celta. É, sobretudo, a partir desta premissa, que ao ser plasmada por Pondal no hino galego, que se espalha no imaginário coletivo da cultura galega.

Se calhar, como dado mais pitoresco, nom debemos deixar de trager aqui para a lembrança, que o nome que se deu ao grupo corunhês que se reunia na livraria regional de Carré, para falar, entre outras cousas, do celtismo galego, esse nom foi outro que o de Cova Céltica⁴; num princípio a origem era despetiva, em boca de Celso García de la Riega, mas os integrantes das conversas o assumírom para a história da nossa literatura.

Em *Galicia* (1888), Murguía ainda escreve que Éire é “esa outra irmá de Galicia, por sus hombres y por sus desgracias tanto como por la belleza”, ligando assi, de novo, as relaçons socioeconómicas e semelhanças paisagísticas.

O historiador estivera armando-se ideologicamente e em 1889 publica *El regionalismo gallego*, trabalho com o que os regionalistas teriam a partir de agora umha base teórica geral e onde, tamém, se havia desenvolver um bocado mais a questom irlandesa e a do celtismo:

No se hable de Irlanda de la cual puede asegurarse que bien pronto la veremos en situación igual á la de Hungría, –pero Escocia y el país de Gales (este último con menos población que Galicia, pues no pasa de millón y medio de habitantes) no tardarán en gozar de una tan perfecta autonomía que vengan á ser como verdaderos estados... Hay más aún: á pesar de que el conflicto irlandés invita al dominante á todo género de represiones, y muy en especial á ahogar todo gérmen de oposición ó que tienda á suscitarla ó mantenerla, la Historia, la arqueología y la literatura irlandesa tienen cátedra pública en la Universidad de Dublin. El Estudio y la publicación de las primitivas leyes de Irlanda se hace por cuenta del presupuesto del virey; la capital tiene una Biblioteca y un Museo de los primeros de Europa, y fué base de los grandes

⁴ A Cova Céltica é o nome que se dava aos intelectuais de ideoloxía rexionalista que, desde 1893, se reuniam na libreria de Uxío Carré Aldao na Corunha para debateren sobre temas relacionados com Galiza. Alguns dos seus membros eram: Murguía, Pondal, Martins Salazar, Saralegui, Galo Salinas ou os irmaos Vaamonde.

trabajos históricos y arqueológicos que prepararon é hicieron más lógicas las reivindicaciones actuales (Murguia 1889: 26)

Com efeito, tamém neste trabalho reafirma o carácter celta do povo galego e a origem comum galego-portuguesa, que nom quer esquecer, e onde Portugal aparece como referente ao ladinho da Irlanda, no seu caso como referente de reintegraçom.

Em 1891 em *La Patria Gallega* fai um novo texto em volta da morte de Parnell, que intitula com o nome do líder irlandês, e o que demonstra saber sobre a sua figura e a situaçom irlandesa do momento, polo que deixava claro que era para o galego um referente:

Mr. Mac-Carthy⁵, un secundario, que ocupa ya la plaza de aquel debía dejar libre, puede estar tranquilo. Los ilusos que le siguen, también. Sabemos ya lo que Galdstone y sus amigos han hecho de Parnell, lo que falta saber ahora, es lo que harán en Irlanda.

Porque la verdad es que Mac-Carthy, no es un enemigo, sino un aliado de los ingleses

Embora Murguia fosse o referente da ideologia regionalista triunfante, a liberal-progressista, havia umha outra corrente, a tradicional, católica e anti-liberal que representava Alfredo Branhas. Este autor tamém coloca o país celta como tema recorrente da época quando, por exemplo, na obra *El Regionalismo* de 1889 explica:

Entre las naciones del norte de Europa que más han experimentado la influencia regionalista, se cuenta preferentemente el Reino Unido de la Gran Bretaña. Dos grandes regiones, antes reinos independientes, *Escocia e Irlanda*, han logrado avanzar más que ninguna otra en el camino que conduce al triunfo de los ideales regionalistas. Causa admiración la lucha gigantesca que ambos territorios han sostenido en contra del unitarismo británico (Brañas 1999: 121)

⁵ Justin McCarthy (22 de novembro de 1830 – 24 abril de 1912) foi um nacionalista irlandês e historiador liberal, novelista e político. Foi membro do Parlamento de 1879 a 1900, tomando assento na Câmara dos Comuns do Reino Unido de Gram Bretanha e Irlanda.

A seguir Branhas estabelece relacións galego-irlandesas para a súa finalidade política-ideolóxica, afirma que por razóns de “raza (las tradiciones irlandesas nos dicen que los hibern [irlandeses] procedían de Milesius), lenguaje (de un pueblo Gael, de donde salieron los exploradores y aborígenes de Irlanda y que no era más que una tribu de la raza celta, pobladora primitiva de Galicia) y por costumbres”.

Num artigo de 30 de marzo de 1891 de *La Patria Gallega*, órgano oficial da asociación regionalista, o carballés disserta sobre as orixens do regionalismo (Jogos Florais), sobre a súa consolidación (Rosalía, Caminho, Pondal, Curros, etc). Tamém fala do concepto de nacionalidade: “Y esta conciencia que los pueblos tienen de su libertad natural, este sentimiento de identificación con unos y semejanza con otros, es lo que constituye y forma el concepto de nacionalidad”.

A partir de aquí vai recorrer à cuestión irlandesa, e algun dos seus principais protagonistas máis recentes, para facer unha analogía con a Galiza: “Por eso los pueblos se agrupan en torno de cualquiera que los saque del cautiverio en que gimen. Irlanda católica sigue al protestante Parnell, como en otro tiempo había ido tras el infatigable y cristianísimo O’Connell⁶”. A súa idea, como regionalista tradicionalista é a de afirmar que “la religión ó las creencias no son más que uno de tantos elementos integrales, quizás el de mayor importancia, que componen la entidad nacional”.

Em *A crise económica na época presente e a descentralización rexional* (2010 [1892]: 42) tamém fala da Irlanda quando afirma:

No norte xamais foi unha verdadeira unión política a de Irlanda, Escocia e o país de Gales e Inglaterra. A nacionalidade impónse; xa non é só a loita económica, a guerra

⁶ Daniel O’Connell (Cahiriveen, 6 de agosto de 1775 – Gênova, 15 de maio de 1847, o “libertador” ou o “emancipador”, foi un líder nacionalista irlandés da primeira metade do século XIX. Fijou campaña para a emancipación católica — incluíndo o dereito dos católicos de se sentar no Parlamento de Westminster, negado por máis de 100 anos — e a revogación do Ato de Unión que combinou a Gran Bretaña e a Irlanda.

agraria que comezaron as razas gaélica, escocesa e saxoa, é tamén a guerra de ideas, o odio relixioso o que as separa e as pon a mal

Em 1894 Florencio Vaamonde Lores, contertúlio da Cova Céltica, publicara o poemário épico *Os Calaicos: poema en catro cantos*. Neste livro escribía versos recorrentes de celtas e bardismo, dentro do estilo pondaliano e que Mendes Ferrim (1984) denominou Escola Formalista, versom galega da reaçon idealista finisecular. Porém, Ferrim adverte que assi como nom calhou na Galiza um realismo burguês, tamém nom foi possível um idealismo evasionista, conservando poemários como *Os Calaicos* o compromiso ideolóxico e sendo Vaamonde Lores um poeta cívico. Este é um trecho deste poemário:

Cando un céltico bardo se presenta

De rico manto e longa cabeleira;

A sua lira de ouro ufano ostenta,

E lle ceden nun logo a cabeceira

Os nobres capitás, en quen se venta

O desejo da cántiga guerreira,

Pois se quedan suspensos e calados

Agardando os acentos acordados.

Como já figera Pondal, estes versos de Vaamonde som umha cenificação do bardismo celta que reclamara Murguía na década de 50 para fazer realidade o modelo ossiánico. Este poema é umha descriçom que nos leva a tempos remotos (“De rico manto e longa cabeleira / A sua lira de ouro ufano ostenta”), onde um bardo, guia dos povos celtas no saber e no alento, arengando através dos seus versos, anima com a “cántiga guerreira” aos capitáns.

Da autoria de Alfredo Branhas, chegando ao século XX, no *Almanaque Gallego* de 1899, editado por Manuel Castro López, aparece o poema famoso “Hay unha terra”, mais conhecido por “¡Coma en Irlanda!”, cuja primeira estrofe é assi:

Hay unha terra
lonxe da nosa,
como ela verde,
como ela hermosa
onde os labregos,
cultivadores,
foran escravos
dos seus señores
y- agora libres
rexenerados
van en camiño
de ser vingados.
Irlanda... á isla
pelra dos mares
he a doce terra
dos meus cantares,
terra d’altivos
fortes colonos,
onte inda servos,

hoje xa donos...

¡Ergue, labrego, érguete é anda!

¡Coma en Irlanda! ¡coma en Irlanda!

Neste poema Branhas o que fai é comparar Irlanda con Galiza (“Hay unha terra / lonxe da nosa, / como ela verde, / como ela hermosa”), comparación que descansa na idea da terra, que é paisagem e é patria. Como figera Rosalia en *Cantares Gallegos* a beleza e o verdor caracterizan a Galiza.

Branhas fala dos “labregos”, “cultivadores”, que “foran escravos” mas van deixar de o ser, porque así foi que aconteceu na Irlanda e a Galiza debe seguir o seu camiño segundo o ideário regionalista, que dá ao camponês o carácter de central como depositario das esenciais nacionais e como base da economía propia do regime señorial. Por todo isto é o chamado famoso final ao povo galego:

“¡Ergue, labrego, érguete é anda!

¡Coma en Irlanda! ¡coma en Irlanda!”

4. Século XX

No inicio do século XX Irlanda é já um espello claro para o ativismo político e a intelectualidade da Galiza e o celtismo que dela emana, o de Breogám, como un elemento histórico no que se acreditava e que já formava parte do repertório non só historiográfico, mas tamén do literario.

Em 1912, Francisco Tettamancy, membro da Cova Céltica e autor que Ferrim tamén incluí dentro da Escola Formalista publicava *Boicentril: o druidismo e o celtismo gallegos, a epopeya irlandesa*. Nele, Tettamancy era muito explícito com o celtismo irlandês e escribía:

Despois, sigue co a vez deble

que lle causaba a fatiga,

falando aos seus familiares

que n-él posta a atención tiñan:

-«A relación que vos fago

sigun denantes decía,

á boa conta tomádea

pois que os fados a agoirízan;

»Que tamén agoirizaron

n-outroa, en millores días,

aquelas loitas cruels

das que se teñen noticia,

»Levando aos nosos hirmáns

da Irlanda, grandes desditas

que na Epopeya nos contan

con esaititú precisa.

»Engano, quixera fose,

o que os fados agoirizan...

engano fora preduto

da febre que me domiña...

»Mais, verbo d'eso... lembrádevos...

de cumprirse a profecía....

¡Eu morroo....»

e a ola da Morte

deixa sin fala ao Druída.

Tettamancy apela aquí ao pasado irlandês, que en analogía con a Galiza, di que nele houvo “grandes desditas”, tamén incluí o personagem do druida, sacerdote das tribos celtas, de carácter profético como os bardos, e ligando así tamén, mais unha vez, con a Irlanda. É un poema decadente, un resquício, que narra tempos mellores mas que é testemunho de elementos que quer reivindicar: o celtismo e a Irlanda através de unha dimensom épica.

Este exemplo do modelo da Escola Formalista, con o celtismo e a questom irlandesa de por medio, é o único exemplo literário que encontramos neste século antes de 1916. Mas neste

período inicial de século Murguia ainda ia escrever umha série de artigos divulgadores de interesse entre 1907 e 1918. Em *La Temporada de Mondariz* insistiu em cinco artigos breves da importância da lenda de Breogám dentro da história galega e das funções que esta cumpria, funções que Fernando Pereira (2014: 293) resume em três: fonte histórica, elemento de prestígio e narrativa forjada de identidade. Estes textos em *La Temporada* som “De algunas leyendas importantes en Galicia” (1907, em duas partes), “Expedición de los celtas gallegos á Irlanda” (1909) e “Leyendas y tradiciones de Galicia” (1915).

Em 1912 escrevia “El torques de Centroña” no boletim 66 da RAG, em base a um achado havia pouco, Murguia fala sobre as semelhanças da arte irlandesa e a galega, já que nesta peça há “elemento ornamental del arte irlandés”, facto que “confirmaría en cierta manera el innegable parentesco de Irlanda y Galicia, si otros datos mas declarados no lo hicieran”.

Em 1918, de novo em *La Temporada de Mondariz*, escrevia “De dos divinidades célticas de Galicia. Brigancia y Lug”, mais um texto sobre a questom, com a curiosidade de integrar as divindades de Brigância e Lug entre os integrantes da expedição galaica à Irlanda, fazendo de “Lugh nun compañeiro e aliado dos fillos de Milidh. Desta maneira contradicía por completo o relato do Lebor Gabála Érenn, onde Lugh era un dos primeiros reis dos Tuatha Dé Danann, é dicir, dos inimigos derrotados polos descendentes de Breogán” Fernando Pereira (2014: 285).

Dous anos antes, na Galiza entravam em cena as Irmandades da Fala, que haviam fundar o nacionalismo galego em 1918, e na Irlanda a luita pola libertaçom nacional tem novos episódios, como a Rebeliom da Páscoa, que agilizariam a consecuçom da independência de 26 dos seus 32 condados em forma de república uns poucos anos despois. Mas este período nom será analisado neste trabalho.

5. Conclusons

Do conflito que o Estado español mantém sobretudo com Inglaterra, no fim do século XVI, é que surge a aliança conjuntural com a Irlanda. Além disto, Galiza, através da proximidade com o porto da Corunha, a referencialidade de Compostela para o catolicismo e as lendas medievais irlandesas que ligam Éire com Galiza desde antigo, fam com que ambos os países tenham desde este momento umha relação natural, mas também conjuntural.

A vitória de Inglaterra fijo com que a nobreza irlandesa, líder da rebelião, fugisse ao Continente, deixando pola Galiza um importante número de exilados assentados no País. É para eles que em Compostela se cria o colégio de Sam Patrício em 1603. Desta escola eram usuários diretos, portanto, irlandeses que acreditavam na lenda de Breogám, que falava da conquista de Éire por parte dos galaicos.

O humanismo do século XVII fai com que os antiquários europeus começassem com o estudo das línguas, arqueologia ou factos históricos como o celtismo. No caso galego ia demorar um século.

O primeiro celtismo na historiografia galega é de Atanasio Lobera, que fala em celtas vindos da Gália, nom era um celtismo próprio e muito menos visava um efeito diferenciador.

No século XVII, ainda nom estava presente na historiografia galega a lenda de Breogám, mas a de outros personagens como Brigo, Yerno e Gatelo. Este último parte da tradição irlandesa mas acaba assentando na escocesa e dando forma à lenda da “pedra do fado” ou “pedra da coraçom”.

Benito Vasques e Álvares Soutelo fôrom os principais autores em ligar Galiza com Irlanda, nom através da lenda de Breogám, mas a de Gatelo, isto, apesar do seu contacto com os irlandeses do Colégio de Sam Patrício, que acreditavam na lenda da conquista da Irlanda polos descendentes de Breogám. Esta contradição pode explicar-se pola dependência que a

historiografia galega tinha pola espanhola da época e tamém polas relaçons difíceis que mantinham os irlandeses de Sam Patrício com a direçom jesuíta, ordem à que pertenciam Vasques e Soutelo.

Na Ilustraçom, Cornide e Sarmiento, eruditos respeitados ainda hoje, sem querer afirmar o que nom se pode, escrevem sobre celticidade galega baseando-se em palavras que há sobretudo na toponímia, fam-no através do método comparativo.

É ainda com o Provincialismo, no século XIX, que o celtismo passa a ser umha ferramenta política que pretende diferenciar e prestigiar a cultura galega, dá-se-lhe muito valor à história e é sob estes critérios que Vereia Aguiar e Antolín Faraldo escrevem os seus textos. Martins Padim escreve a sua *Historia* falando dos galaicos que emigram cara ao Norte mas colocando o foco sobretudo sobre a Irlanda. Mas é na década de 50 deste século que os autores começam a introduzir critérios socioeconómicos, nom tanto retóricos, para tragner a questom irlandesa a colaçom, como referente análogo da Galiza e que comecem a aparecer textos literários de autores galegos onde Éire seja um referente análogo como vimos no poema de Ramón Rua Figueiroa.

Murguia escolhe as lendas celtas irlandesas polas relaçons estabelecidas nelas com a Galiza desde a Idade Média, embora esta ideia de celtismo galego nom entre em contradicçom com as de Vicetto. Com esta ideia tamém ia alinhar Saralegui. Aliás, o nacionalismo irlandês crescia e o referente análogo crescia dia após dia.

A memória da derrota do Provincialismo, a valorizaçom teórica da etnicidade e o agravamento do atraso da Galiza som os motivos fundacionais do Regionalismo, o período patriótico anterior ao nacionalismo em que autores, como Murguia, olhem para o celtismo e a Irlanda mais do que nunca.

O Patriarca foi o ideólogo central do Regionalismo, frente às teses tradicionalistas, católicas e anti-liberais de Branhas, que também olhava para a Irlanda e os celtas, já que o progressismo liberal de Murguía foi o triunfante. Daí que Pondal alinhasse com elas e encetasse umha lírica de tradição celta que havia ser referencial para quem desde o bardo de Ponte Cesso quisesse escrever poesia épica, será assi que surjam outros autores que usem o modelo do bardismo como Tettamancy ou Vaamonde Lores.

Para o Regionalismo a Irlanda nom só era fonte de argumentos pretéritos, os seus ativistas espreitavam a situação e seguiam com atenção as notícias que vinham da ilha, o nacionalismo irlandês nom parava de avançar de maos dadas de líderes como O'Connell, Parnell e os protagonistas da Rebeliom da Páscoa de 1916, momento em que na Corunha nascem as Irmandade da Fala, origem direta do nacionalismo galego e que nom faria mais do que intensificar as relaçons galego-irlandesas desde esta data, já que o celtismo e a questom irlandesa assentaram na Galiza como ferramentas para a construçom nacional.

Fica assi, portanto, estabelecido qual é o papel jogado por Éire na cultura galega no período 1600-1916 e os motivos de como é que a questom irlandesa calhou na cultura galega, a importância que tivo o celtismo e a figura de Manuel Murguía, quem galeguizou as lendas irlandesas e que estava sempre atento a todo o que acontecia na Irlanda na sua época, nom foi o único autor que olhava para a ilha como referente, mas o carácter central que o Patriarca tivo na cultural galega assentam as bases das que partirám no final do período estudado os seus protagonistas.

6. Referências bibliográficas

Alberro, Manuel (2001): “Participación de la antigua *Gallaecia* en el Area Atlántica de la Edad del Bronce y en el proceso de celtización de la Península Ibérica”. *Anuario Brigantino* 24, 11-32.

Álvarez Lugrís, A. e Moscoso Mato, E. (2005). “Galicia, Irlanda e o *Leabhar Gabhala*. O mito celta no proceso de construción da identidade nacional galega”. Em Gómez Penas, María Dolores (coord.). *A identidade galega e irlandesa a través dos textos*, 57-131. Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

Barros, Carlos (1994): “Mitos de la historiografía galleguista”. *Manuscripts* 12, 245-266.

Beramendi, Justo (1986): “Os referentes nacionais en Rosalía e no provincialismo galego”. Em *Actas do Congreso Internacional de estudos sobre Rosalía de Castro e o seu tempo* (III). Compostela: Consello da Cultura Galega / Universidade de Santiago de Compostela, 381-394.

Beramendi, Justo (2007): *De provincia a nación. Historia do galeguismo político*. Vigo: Xerais.

Brañas, Alfredo (1889): *El Regionalismo. Estudio sociológico, histórico y literario*. Barcelona: Jaime Molinas.

Brañas, Alfredo (2010): *A crise económica na época presente e a descentralización rexional*. Noia: Toxos Soutos.

Carvalho Calero, Ricardo (1963): *História da Literatura Galega Contemporânea*. Vigo: Galaxia.

Couselo Bouzas, José (1935): *El Colegio de Irlandeses de Santiago de Compostela* (Compostela: Imprenta do Seminario Conciliar).

Durán, José Antonio (1998): *Prosas recuperadas. O periodismo de Manuel Murguía*. Madrid: J. A. Durán, Editor.

Faraldo, Antolín (1842a): “Historia de Galicia”. *El Recreo Compostelano* 1, 4-7.

Faraldo, Antolín (1842b): “Estudios de Galicia”. *El Recreo Compostelano* 18, 275-279.

González García, Francisco Javier (2007): *Los pueblos de la Galicia céltica*. Madrid: Akal.

González López, Emilio (1964): “El mundo céltico en las guerras religiosas del siglo XV”. *Grial* 18, 169-179.

González López, Emilio (1965): “Galicia e Irlanda. Compostela e a sede metropolitana irlandesa”. *Grial* 10, 404-412.

González López, Emilio (1965): “Axentes irlandeses na Cruña a comezos do século XVII: Desmond MacCarthy: I”. *Grial* 12, 149-154.

González López, Emilio (1967): “Eisiliados Irlandeses en Galicia: Hugo Roe O’Donnell e a Torre de Breogán”. *Grial* 18, 389-395.

Hayes, Richard (1948): “Ireland’s Links with Compostela”. *An Irish Quarterly Review* 37, 326-332.

“I. U. de Estudos Irlandeses, Amergin” (s. d.): <https://www.udc.gal/amergin> (acceso: 1/6/2018).

Keating, Elizabet Frances (1990): *Afinidades entre Galicia e Irlanda*. Vigo: Galaxia.

Lama López, M^a Xesús (1999): *O celtismo e a materia de Bretaña na literatura galega: cara á construción dun metadiscurso histórico ficcional na obra de Xosé Luís Méndez Ferrín*. Barcelona: Universitat de Barcelona.

López García, Juan Carlos (1997): “A influencia do celtismo na obra de José Villaamil y Castro”. *Gallaecia* 16, 97-109.

Máiz, Ramón (1984): *O Rexionalismo Galego: Organización e Ideoloxía*. Sada: Edicións do Castro.

Mariño Davila, Esperanza (2000-2001): “Manuel M. Murguía e a cuestión irlandesa”. *Revista de linguas y literaturas catalana, gallega y vasca* 7, 283-292.

Martínez Paadín, Leopoldo (1849): *Historia política, religiosa y descriptiva de Galicia*. Madrid: A. Vicente.

Méndez Ferrín, Xosé Luís (1984): *De Pondal a Novoneyra*. Vigo: Xerais.

Murguía, Manuel (1865): *Historia de Galicia*. Lugo: Soto Freire.

Murguía, Manuel (1881a): “Irlanda y Galicia I”. *La Ilustracion gallega y asturiana* 11, 123-124.

Murguía, Manuel (1881b): “Irlanda y Galicia II”. *La Ilustracion gallega y asturiana* 12, 134-135.

Murguía, Manuel (1881c): “Irlanda y Galicia III”. *La Ilustracion gallega y asturiana* 14, 158-159.

Murguía, Manuel (1881): “El Folk-lore gallego”. *La Ilustracion gallega y asturiana* 30, 352-353.

Murguía, Manuel (1888): *Galicia*, D. Cortezo y Cía, Barcelona, 2 vols. [Reedición en Edicións Xerais, Vigo, 1982].

Murguía, Manuel (1889): *El regionalismo gallego*. Havana: La Universal.

Murguía, Manuel (1891): *Historia de Galicia. Volume IV*. Corunha: Libr. de E. Carré Aldao.

Murguía, Manuel (1907a): “De algunas leyendas importantes en Galicia”. *La Temporada en Mondariz* 15, 1-2.

Murguía, Manuel (1907b): “De algunas leyendas importantes en Galicia II”. *La Temporada en Mondariz* 16, 1-2.

Murguía, Manuel (1909): “Expedición de los celtas gallegos á Irlanda”. *La Temporada en Mondariz* 16, 1.

Murguía, Manuel (1912): “El torques de Centroña”, *Boletín de la Real Academia Gallega* 66, 137-139.

Murguía, Manuel (1915): “Leyendas y tradiciones de Galicia”. *La Temporada en Mondariz* 5, 1.

Murguía, Manuel (1918): “De dos divinidades célticas de Galicia. Brigancia y Lug”. *La Temporada en Mondariz* 3, 1.

Obelleiro, Luís (1996): “Idade Contemporánea (século XIX)”. Em VVAA, *Historia Xeral de Galicia*, 273-331. Vigo: A Nosa Terra.

O’Connell, Pat (1996): “The Irish College, Santiago de Compostela: 1605-1767”. *Archivium Hibernicum* 50, 19-28.

O’Connor, Thomas (2001): “Irish Migration to Spain and the formation of an Irish College Network, 1589-1800”. Em Luc François & Katherine Isaacs (eds.), *The Sea in European History*. Pisa: Edizione Plus, 109-123.

O’Doherty, Denis (1930): “Domnal O’Sullivan Bear and his family in Spain”. *An Irish Quarterly Review* 74, 211-226.

Pereira González, Fernando (2000): “O pensamento antropolóxico de Manuel M. Murguía. Raza e cultura”, *Cuadernos de Estudios Gallegos* 113, 327-382.

Pereira González, Fernando (2002): “O príncipe Gatelo, fundador da Brigancia: un «precursor» de Breogán na historiografía galega”. *Gallaecia* 21, 317-343.

Pereira González, Fernando (2005): “As relacións Galiza-Irlanda na historiografía (séculos XVI-XVIII)”. *Gallaecia* 24, 281-307.

Pereira González, Fernando (2006): “Lendas medievais sobre a orixe dos irlandeses”. *Gallaecia* 25, 401-426.

Pereira González, Fernando (2013): “Lorenzo Hervás, o celtismo galego e a lenda de Breogán”. *Gallaecia* 32, 169-190.

Pereira González, Fernando (2014): “Manuel Murguía e a lenda de Breogán”. *Gallaecia* 33, 281-307.

Pereira González, Fernando (2017): *Nas orixes do celtismo galego. Os celtas na historiografía dos séculos XVII e XVIII*. Compostela: Sacauntos.

Renales Cortés, Juan (1996): *Celtismo y Literatura Gallega: La obra de Benito Vicetto y su entorno literario*. Volumen II. (Compostela: Xunta de Galiza).

Rey Castelao, Ofelia (2000): “Inmigrantes irlandeses en la Galicia del periodo moderno”. Em Villar García, María Begoña (coord.) *La emigración irlandesa en el siglo XVIII*, 183-205 (Málaga: Servicio de Publicaciones y Divulgación Científica de la Universidad de Málaga).

Saralegui y Medina, Leandro (1867): *Estudios sobre la época céltica en Galicia*. Ferrol: Imprenta y litografía de Taxonera.

Saurín, María Rosa (1977): *Apuntes y documentos para una historia de Galicia en el siglo XIX*. Corunha: Deputación da Coruña.

Sainero Sánchez, Ramón (1998): *Leabhar Gabhála (Libro de las invasiones)*. Madrid: Akal.

Tettamancy Gastón, Francisco (1912): *Boicentril: o druidismo e o celtismo gallegos*. Corunha: Ferrer.

Vaamonde Lores, Florencio (1894): *Os Calaicos: poema en catro cantos*. Havana: La Universal de Ruíz y Hno.

Varela, José Luís (1949): *El Celtismo de Ponal*. Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

Verea Aguiar, José (1838): *Historia de Galicia*. Ferrol: Taxonera.

Vicetto, Benito (1865): *Historia de Galicia*. Ferrol: Taxonera.

Villares, Ramón (2017). "A invención do celtismo". *Em Identidade e afectos patrios*, 141-176. Vigo: Galaxia.

Walsh, Micheline Kerney (1990): "O Sullivan Beare in Spain: Some Unpublished documents". *Archivium Hibernicum* 45, 46-63.

Walsh, Micheline Kerney (1993): "La expedición española en Irlanda en 1601". *CMIhCN* 20, 29-39.

VVAA (1861): *Álbum de la Caridad. Juegos Florales de La Coruña en 1861, seguido de un mosaico poético de nuestros vates gallegos contemporáneos*. Corunha: Imprenta del Hospicio provincial á cargo de D. Mariano M. Y. Sancho.

VVAA (1996): *O nacionalismo galego*. Vigo: A Nosa Terra.

7. Anexo

Cronologia de acontecimentos e publicações relevantes

ACONTECIMENTOS	PUBLICAÇÕES
	c. 1160: <i>Livro de Leinster (Lebor Laignech)</i>
	Século XII: <i>Leabhar Gabhála Éireann.</i>
	c. 1600: <i>Coronica Grande del Reyno de Galicia</i> de Atanasio Lobera
1602: Primeira fugida dos nobres irlandeses e chegada à Galiza	
1603: Fundação do colégio irlandês de Sam Patrício em Compostela	
	1722: <i>Arbol Chronologico de la Santa Provincia de Santiago</i> de Jacobo de Castro
	c. 1750: <i>Historia General del Reino de Galicia</i> de Juan Álvares Soutelo em cinco volumes
	c. 1750: <i>Historia de Galicia</i> de Benito Vázquez
	1761: <i>Fingal, an Ancient Epic Poem</i> James Macpherson
1767: Fim do Colégio de Sam Patrício	
Século XVIII: Atividade intelectual de	

Sarmento e Cornide	
	c. 1778: <i>Idea dell'Universo</i> de Lorenzo Hervás y Panduro
Provincialismo	
	1831: <i>Ibernia Phoenicia</i> de Joaquín Lorenzo Villanueva
	1838: <i>Historia de Galicia</i> de Verea Aguiar
	1842: “Historia de Galicia” e “Estudios de Galicia”
c.1845: Fame na Irlanda	
	1849: <i>Historia política, religiosa y descriptiva de Galicia</i> de Martins Padim
	1852: “Nostalgia” de Ramón Rúa Figueiroa
1853: Fame na Galiza	
	1865: <i>Historia de Galicia</i> de Benito Vicetto
	1865: <i>Historia de Galicia</i> de Manuel Murguía
	1867: <i>La época céltica en Galicia</i> de Saralegui
Regionalismo	
	1881: “Irlanda y Galicia” de Manuel Murguía

	1886: <i>Queixumes dos pinos</i> de Eduardo Pondal
	1894: <i>Os Calaicos: poema en catro cantos</i> de Vaamonde Lores
	1899: Poema “Hay unha terra” (“Como en Irlanda”) de Alfredo Branhas
	1912: <i>Boicentril: o druidismo e o celtismo gallegos</i> de Tettamancy Gastón
1916: Rebeliom da Páscoa na Irlanda e criaçom das Irmandades da Fala na Galiza	